

“Agora somos todos as pinturas de Edward Hopper”: será o artista da era coronavírus?

Com as paisagens urbanas desertas e figuras isoladas, o pintor americano capturou a solidão e a alienação da vida moderna. Mas a pandemia deu um novo significado ao seu trabalho

Por Jonathan Jones

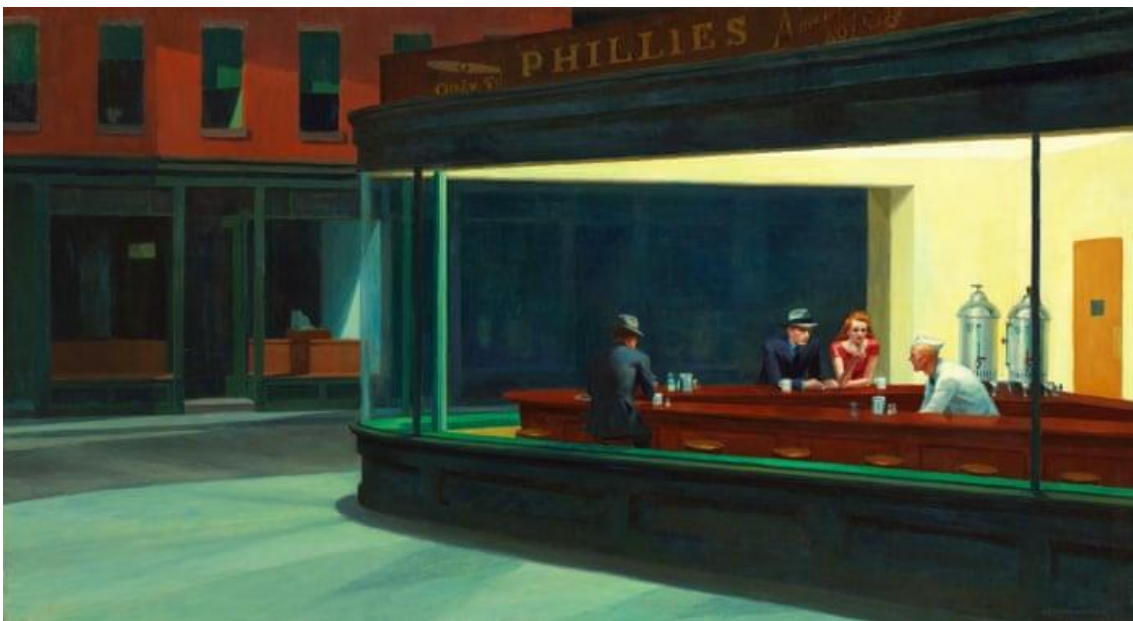
27 de Março de 2020

Acedido em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2020/mar/27/we-are-all-edward-hopper-paintings-now-artist-coronavirus-age>

Quem pode deixar de ficar comovido por todas as imagens de pessoas a bater palmas à NHS na última noite? Encheram a TV e notícias, sempre com uma imagem calorosa de solidariedade na solidão forçada - sozinhos e juntos. Mas existem algumas imagens muito menos tranquilizadoras nas redes sociais. Algumas pessoas dizem que agora existimos dentro de uma pintura de Edward Hopper. Não parece importar qual.

Suponho que seja por estarmos friamente distantes um do outro, sentados à nossa janela solitários com vista para uma cidade estranhamente vazia, como a mulher sentada na cama ao sol madrugador ou a outra a olhar da janela de uma baía em Cape Cod.

"Somos todos pinturas de Edward Hopper agora", de acordo com uma compilação de cenas de Hopper no WhatsApp: uma mulher sozinha num cinema deserto, um homem sozinho num apartamento moderno, um trabalhador solitário e pessoas sentadas distantes umas das outras à mesas ao jantar. Sendo um meme, é difícil dizer se é um comentário sério ou uma piada simplista com como uma piada paralela de pena própria.



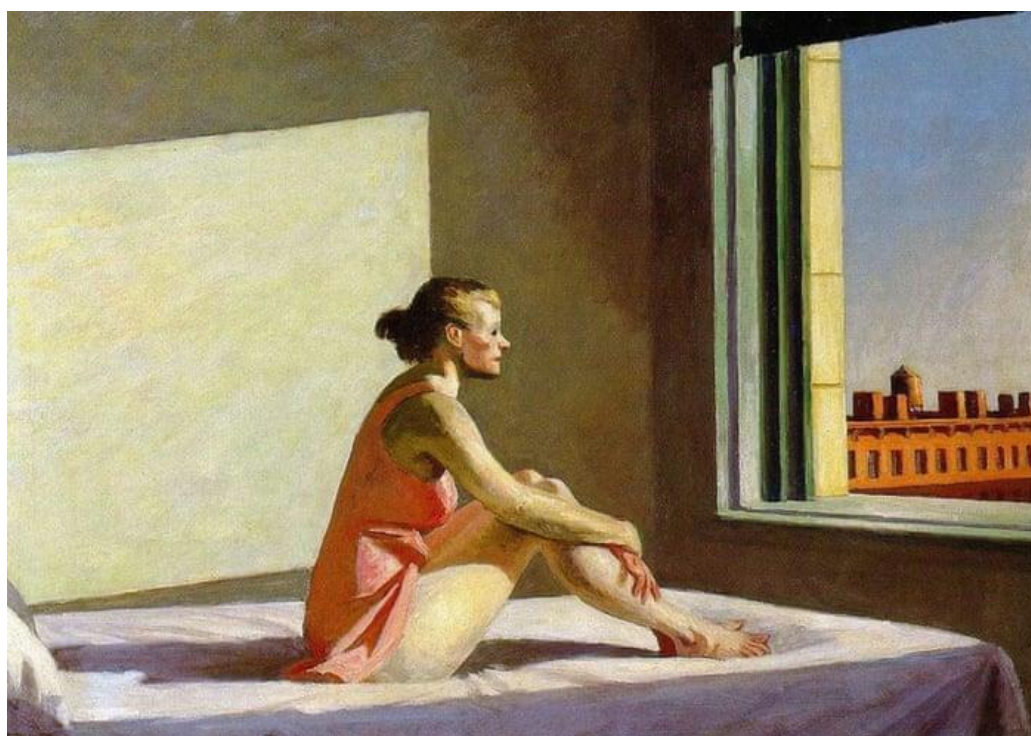
A distância... Nighthawks de Edward Hopper, 1942. Fotografia: Alamy

Mas consideremos os memes sérios. Se realmente somos todos pinturas de Edward Hopper agora, uma crise de solidão é iminente e pode ser uma das consequências sociais mais difíceis do Covid-19. A perda de contato humano direto que se recorreu pode ser catastrófica. Pelo menos é isso que Hopper nos mostra. Este pintor nascido no estado de Nova York em 1882 fez

da solidão o trabalho da sua vida. Na década de 1920, enquanto F Scott Fitzgerald escrevia na era do jazz, Hopper pintou pessoas que pareciam nunca ter sido convidadas para uma festa.

A vida moderna não é agradável. Não é preciso uma pandemia para isolar almas. Janelas de vidro, imponentes prédios urbanos, onde todos vivem em apartamentos independentes, postos de gasolina no meio do nada - o tecido das cidades e paisagens modernas é para ele uma máquina que produz solidão. Nem as pessoas se identificam muito com este estilo de vida.

Na arte antiga, estar sozinho tinha os seus benefícios. Em pinturas com *São Jerônimo a Estudar*, um eremita acadêmico parece confortável com o escritório em casa, com livros, mesa - e o seu leão de estimação. Da mesma forma, o romântico passeio na pintura de Caspar David Friedrich, *O Caminhante sobre o Mar de Névoa*, procura ativamente um esplêndido isolamento para que ele possa absorver a sublime natureza sem perturbações humanas. Ele é feliz sozinho.



Indivíduos atomizados... Morning Sun de Edward Hopper, 1952. Fotografia: Alamy

Mas não são estas imagens da solidão que são hoje partilhadas. São os horrores de Hopper - e esta não é uma palavra muito forte para as descrever. Um dos maiores fãs do pintor foi Alfred Hitchcock, que famosamente baseou a mansão Bates em *Psycho* numa pintura Hopper de uma estranha casa velha isolada junto de uma linha de comboio.

Todos esperamos definir a visão aterradora de Hopper de indivíduos alienados e atomizados em sobreviver em comunidade. Mas, ironicamente, temos que o fazer mantendo-nos separados e pode ser cruelmente desonesto - a propaganda vazia da guerra do vírus - fingir que todos estamos perfeitamente bem em casa.

A mensagem de Hopper é que a vida moderna pode ser muito solitária. As pessoas estão tão isoladas entre elas num restaurante como nos seus apartamentos. Nisto, ele insere-se na arte modernista. Edvard Munch já tinha mostrado no seu pesadelo *Evening*, na Karl Johan Street, uma multidão pode ser um lugar muito isolado para se estar.

Hoje, somos simplesmente melhores a esconder o isolamento que estes artistas pensavam definir na condição moderna. Em tempos normais, também nos sentamos sozinhos em cafés, exceto que agora temos telemóveis para nos fazer sentir sociais. O facto é que a modernidade promove que massas de pessoas mudem para estilos de vida urbanos totalmente isolados do que outrora era dado como normal.



Solitário no meio da multidão ... Noite de Edvard Munch na Rua Karl Johan, 1892.

Fotografia: Alamy

Na era pré-industrial, as cenas da vida camponesa de Bruegel mostram um mundo em que era praticamente impossível ficar sozinho. As cozinhas estão abarrotadas e os carnavais são um pesadelo para quem quer manter distanciamento físico. Vendo Bruegel, podemos supor porque muitas pessoas no Reino Unido estavam tão relutantes em abdicar dos bares - aqueles últimos refúgios do passado bruegeliano.

Escolhemos a solidão moderna porque queremos ser livres. Mas agora a arte de Hopper coloca uma questão difícil: quando as liberdades da vida moderna são removidas, o que resta senão a solidão?